



BIANCA SANTANA

POLÍ

F • S • F • R •

**Caderno de atividades
e expansão de repertório**

Luísa Saad e Silvana Oliveira

AUTORIA

Luísa Saad e Silvana Oliveira

LIVRO

Polu

AUTORA

Bianca Santana

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Juliana de A. Rodrigues

ASSISTENTE EDITORIAL

Millena Machado

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Página Viva



[2026]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Fósforo

Rua 24 de Maio, 270/276

10º andar, salas 1 e 2 — República

01041-001 — São Paulo, SP, Brasil

Tel: (11) 3224.2055

contato@fosforoeditora.com.br

www.fosforoeditora.com.br

Sumário

- 4 Carta aos educadores e mediadores
- 5 Contextualização da obra e da autora
- 6 *Polu*: uma obra para trabalhar questões de raça, gênero, memória e cultura negra
- 7 A importância da leitura de obras literárias na escola e nas bibliotecas (escolares, públicas, comunitárias)
- 7 Sugestões de exploração da obra
- 8 Ideias para trabalhar com os estudantes
- 9 Propostas de atividades
 - 9 PROPOSTA DE ATIVIDADE I
Gênero: memória literárias
 - 10 PROPOSTA DE ATIVIDADE II
Saberes que mantêm a vida
 - 11 PROPOSTA DE ATIVIDADE III
Letramento racial
- 11 Propostas de projetos
 - 11 PROPOSTA DE PROJETO I
Cine-debate
 - 12 PROPOSTA DE PROJETO II
Mostra Cultural
- 13 Materiais complementares
- 16 Bibliografia comentada

Carta aos educadores e mediadores

Caro(a) Educador(a)/Mediador(a),

Este material foi elaborado com a finalidade de orientar o trabalho e a leitura da obra *Polu*, de Bianca Santana, tanto em sala de aula como em bibliotecas. Além disso, busca colaborar com educadores e mediadores empenhados em fazer do ato da leitura uma ferramenta para o conhecimento do mundo e de si mesmo, como fonte de fruição e de letramento literário.

Fazer desse ato um hábito na rotina de estudantes é uma tarefa árdua e um desafio, mas não deixa de ser um grande prazer para nós, atores envolvidos em práticas educativas. Por meio da leitura de obras literárias, os alunos poderão adentrar em universos pouco ou até então desconhecidos e vivenciar/conhecer outras culturas e novas formas de ver/refletir/pensar a realidade.

Polu proporciona a chance de imersão no universo do gênero de memórias literárias e suas especificidades. Com riqueza temática e cultural contida na narrativa, trata-se de uma história cativante que aborda questões étnico-raciais, de gênero e da cultura negra e reafirma a necessidade da reflexão sobre identidade e ancestralidade — temas imprescindíveis a uma sociedade crítica e equânime, comprometida em promover o respeito pela diversidade, a tolerância, a compreensão e a luta contra a desigualdade e a discriminação.

Neste convite à leitura, a autora Bianca Santana nos apresenta personagens e situações que nos possibilitam fruir dessa experiência literária como leitores privilegiados de sua trajetória de vida.

Desejamos que as sugestões apresentadas contribuam para a ação pedagógica em ambientes educativos. Ressaltamos que as atividades e os projetos propostos poderão ser alterados e/ou adaptados conforme a realidade da comunidade escolar para que sejam úteis à sua prática. Bom trabalho!

Luísa Saad
Silvana Oliveira

Contextualização da obra e da autora

A OBRA

*Minha avó plantou as sementes do Brasil que a gente sonha.
Como adubar para que floresça?*¹

Publicado em 2025, *Polu* traz a história de Apolinária, a avó materna da escritora e jornalista Bianca Santana, que resgatou lembranças pessoais da família para escrever a história da avó. Polu, como é carinhosamente chamada, migrou da região do rio São Francisco (BA), onde nasceu, para se estabelecer em São Paulo, em 1946.

Como um livro de memórias, o leitor é um observador privilegiado, um confidente e, por vezes, um cúmplice da trajetória da neta e sua avó, que representa a força e a resistência das mulheres negras no Brasil. Com o distanciamento temporal típico do gênero, a autora tem a liberdade de voltar e avançar no tempo, levando consigo os leitores nessa viagem. Em suas lembranças, Bianca Santana celebra a avó Polu como um exemplo de cuidado, solidariedade e luta coletiva. Assim, esse leitor confidente acompanha o relato, vivenciando a jornada da narradora e, de certa forma, participa da construção do próprio sentido de vida e identidade.

Na figura da avó materna, percebe-se um tipo de cuidado que ultrapassa os limites da casa e acolhe toda a comunidade: uma solidariedade enraizada em práticas ancestrais, como as rezas. Nesse sentido, a mulher negra é vista além da pauta identitária, pois ultrapassa a individualidade e está fundamentada em um legado histórico de resistência sociocultural e política.²

Assim, tal qual a avó Polu, outras Polus, seja no campo ou nas periferias das grandes cidades, (r)existem apesar da invisibilidade social a que são submetidas: “as falas têm cor, têm classe, têm faixa etária. As enunciações vão contando as lutas, as resistências, os dramas por que passam as personagens que representam seres históricos”.³

Polu, dessa forma, engrossa a fila de obras literárias que apresentam a temática da identidade negra e buscam lutar contra a discriminação étnico-racial no país, o que torna a sua circulação e leitura pelos estudantes tão necessária.

A AUTORA

Bianca Santana nasceu em 1984, na Zona Norte de São Paulo. É jornalista, mestre em educação e doutora em ciência da informação pela Universidade de São Paulo (USP). É diretora executiva da Casa Sueli Carneiro, em São Paulo, um centro de formação e memória do movimento negro, colunista da *Folha de S. Paulo* e das revistas *Gama* e *Cult* e professora na Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP). É associada da Sempreviva Organização Feminina e compõe os conselhos da Casa do Povo e do Instituto Toriba.

Publicou livros que convidam à reflexão sobre o racismo velado no Brasil, mas nem por isso menos cruel, como *Arruda e guiné: resistência negra no Brasil contemporâneo* (Fósforo, 2022), *Continuo*

1. SANTANA, Bianca. “Minha avó plantou o Brasil”. *Gama*, São Paulo, 23 fev. 2022. Disponível em: <<https://ponte.org/bianca-santana-minha-avo-plantou-o-brasil/>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

2. HOLANDA, Letycia. “Bianca Santana: ‘Ser mulher negra é ser um sujeito político coletivo’”. *Brasil de Fato*, 22 nov. 2024. Disponível em: <<https://brasildefato.com.br/podcast/tres-por-quatro/2024/11/21/bianca-santana-ser-mulher-negra-e-ser-um-sujeito-politico-coletivo/>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

3. FANINI, Angela Maria Rubel. “Quando me descobri negra: obra inaugural de literatura de Bianca Santana”. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 15, n. 45, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.utfrpr.edu.br/cgt/article/view/13927/8957>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

preta: a vida de Sueli Carneiro (Companhia das Letras, 2021) e *Quando me descobri negra* (Fósforo, 2023). Já organizou uma série de coletâneas que debatem questões de raça, gênero e cultura negra, em especial às que se referem à mulher negra.

Por sua militância, se afirmou como uma importante voz de combate antirracista, sendo, por isso, reconhecida como Mulher Inspiradora em 2015 e 2016, na área da literatura, pelo projeto feminista Think Olga. Além das atividades profissionais, Bianca Santana também é taróloga. A sua avó materna, Apolinária, ou Polu, é uma figura central em sua vida e em seu trabalho, sendo fonte de inspiração e exemplo de resistência e luta da mulher negra.

***Polu*: uma obra para trabalhar questões de raça, gênero, memória e cultura negra**

A leitura de *Polu* apresenta-se como uma oportunidade para discutir em ambientes educativos questões relacionadas a gênero, raça, memória e cultura negra. Ler e refletir sobre esses temas é dar vez e voz ao povo negro, em especial, às mulheres negras que são exemplos de luta contra o racismo, a desigualdade de gênero e o apagamento da identidade e cultura negra.⁴

Assim, a escola e as bibliotecas são espaços privilegiados para essa discussão, colaborando para a formação de uma cidadania comprometida com a causa negra. Isso porque, nesses ambientes, a literatura é um locus de conhecimento, uma vez que “os livros [...] jamais falam por si mesmos. O que os fazem falar são os mecanismos de interpretações que usamos, e grande parte deles são aprendidos na escola”.⁵

Ao escrever suas memórias, Bianca Santana resgata e expõe situações reais de sua vida, ou seja, *Polu* é uma obra de ficção com base na experiência vivida, favorecendo o desenvolvimento do senso crítico e do respeito à diversidade cultural e o aprendizado de lições de vida inspiradoras. Segundo Beth Marcuschi (2012),

as memórias literárias têm como propósito sociocomunicativo mais saliente recuperar, numa narrativa escrita de uma perspectiva contemporânea, vivências de tempos mais remotos numa linguagem que se configure como um ato discursivo próprio e recrie o real. De fato, o distanciamento temporal e as mudanças de valores, experiências e desejos a ele associadas levam o memorialista a reconfigurar passagens que as lembranças trazem à tona. Recordar é assim, adicionar ao passado detalhes e cores que [...] foram sendo elaborados e reconfigurados com o tempo.⁶

Assim, no trabalho com a obra, o educador/mediador contribui para a construção de um ambiente de aprendizagem que põe o mundo em perspectiva, pois entender como “outros” enfrentaram e superaram seus desafios e buscaram a própria identidade e cultura pode ser um ponto de partida para que esses alunos reflitam sobre si, reconhecendo-se como seres históricos pertencentes a um grupo (ancestralidade) e transformem sua vivência em conhecimento, aprendendo a guiar suas vidas.

4. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Médio, Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CE05): Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

5. COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. 13. reimpr. São Paulo: Contexto, 2022, p. 26.

6. MARCUSCHI, Beth. “A escrita do gênero memórias literárias no espaço escolar: desafios e possibilidades”. *Cadernos Cenpec*, v. 2, n. 1, pp. 56-7, 2012.

A importância da leitura de obras literárias na escola e nas bibliotecas (escolares, públicas, comunitárias)

A leitura de obras literárias em escolas e bibliotecas públicas e comunitárias implica troca de sentidos, não só entre escritor e leitor, mas com a sociedade em que estão inseridos. Logo, a leitura não deve ser limitada a decodificar palavras ou tomada como uma ação individual, solitária, mas como uma atividade social, resultado do diálogo e das várias formas de interação que envolvem o ato de ler, como ilustração, performance, escuta e escrita criativa, estabelecendo conexões entre a obra e o mundo. Dessa maneira, a literatura colabora para ampliar o repertório dos estudantes e contribui para uma leitura mais crítica da realidade em que vivem. Isso porque,

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. [...] No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas [...] pela ficção.⁷

As experiências de exploração literária permitem que os leitores assumam um papel ativo na leitura e na produção de conteúdos literários nos mais variados gêneros e/ou formatos, como minicontos, *slams*, entre outros, que interpretam, criam e se expressam por meio da linguagem literária.

Nesse sentido, o letramento literário vai mais além que a leitura, uma vez que se configura como um processo sistemático de formação de leitores que ultrapassa as etapas escolares, pois sabem escolher suas leituras, apreciam construções estéticas e fazem disso parte de seus afazeres e prazeres.⁸

Sugestões de exploração da obra

EM CONTEXTOS ESCOLARES

Obras literárias têm papel significativo na construção do sujeito como cidadão crítico. Assim, é preciso compreender a importância da leitura como um elemento fundamental em relação ao aprendizado, de modo a ampliar a concepção de mundo do aluno-leitor e contribuir para a formação do leitor literário competente, capaz de ler e escrever com eficácia, ampliando o conhecimento sobre as diversas culturas e desenvolvendo vocabulário e escrita, além de propiciar reflexões sobre o gênero memórias literárias e sobre a realidade da qual fazem partes os estudantes. A seguir, algumas estratégias para explorar a obra em ambientes escolares:

Leitura compartilhada e análise da obra: A leitura em voz alta de trechos da obra, seguida da discussão sobre os temas, os personagens e as situações presentes no livro, pode ser uma oportunidade para troca de experiências, percepção de diferentes pontos de vista ou, ainda, construção conjunta de sentidos, fortalecendo a competência leitora e promovendo um análise crítica e aprofundada do texto.

7. COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. 13. reimpr. São Paulo: Contexto, 2022. p. 17.

8. PAULINO, Graça. "Formação de leitores: a questão dos cânones literários". *Revista Portuguesa de Educação*, v. 17, n. 1, pp. 47-62, 2004. Disponível em: <<https://www.ppgelunemat.com.br/images/biblioteca/bibliografia-selecao/PAULINO%20Graca.%20A%20formacao%20de%20leitores.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

Debate crítico de temas sociais: Utilize os temas abordados na obra (negritude, racismo, mulher negra, identidade e cultura do povo negro) como ponto de partida para debates e reflexões críticas sobre a população negra na realidade social, bem como outras temáticas relacionadas às questões familiares presentes no livro (separação, alcoolismo, trabalho infantil, migração nordestina etc.).

Cine-debate: Organize sessões de filmes que dialoguem com as temáticas de *Polu*, como o filme *Eu, mulher negra* (1994), de Joel Zito Araújo, que destaca os problemas e desafios enfrentados para o cuidado da saúde reprodutiva de mulheres negras. Disponível em: <<https://mostrajoelzitoaraujo.com.br/filmes/eu-mulher-negra/>>.

EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS E COMUNITÁRIAS

A promoção de espaços de leitura em bibliotecas públicas e comunitárias pode ser bastante enriquecedor para uma exploração de *Polu* em seus mais variados aspectos: gênero, temática e conexão com a atualidade.

Viagem pela literatura: Organize encontros para ler e discutir a obra, estimulando a troca e a reflexão sobre os temas apresentados. A conexão com as experiências dos participantes pode tornar o debate mais enriquecedor.

Roda de conversa: Inspirados pelas memórias partilhadas do livro, os leitores podem compartilhar suas memórias de vida, com destaque para algum familiar/parente que seja lembrado como um exemplo de resistência e luta por um mundo mais equânime.

Ideias para trabalhar com os estudantes

Polu é uma obra interessante para leitura e discussão com alunos em escolas e bibliotecas. A narrativa da obra se destaca pela riqueza temática e pelo cuidado estético, com relatos e diálogos marcados pela subjetividade e profundidade emocional. Tanto as características do gênero memórias literárias quanto os temas permitem diversas interpretações e reflexões com os estudantes.

No trabalho com a obra, é possível pôr os estudantes diante de temas sensíveis e persistentes em nossa sociedade, assim, muitos deles podem identificar situações que lhes são familiares. O gênero do livro pode ser um instrumento eficiente na formação de leitores confidentes com uma visão mais sensível da linguagem e da realidade.

A obra pode ser explorada, ainda, em atividades ou projetos interdisciplinares que envolvam momentos de reflexão que busquem a promoção da igualdade e a correção das desigualdades presentes na sociedade.

Língua Portuguesa: análise de linguagem literária, gênero memórias literárias, interpretação dos personagens, estudo do vocabulário, construção narrativa e produção textual.

Arte: produção de trabalhos visuais inspirados na obra, apresentação de músicas e filmes que possibilitem a compreensão de diferentes culturas e suas manifestações, crenças e valores, em especial a cultura africana e a afro-brasileira.

História e Geografia: estudo sobre diversidade cultural e étnico-racial brasileira; território, identidade e ancestralidade.

Filosofia e Sociologia: discussão sobre ancestralidade e identidade; análise de estereótipos e preconceitos; reflexões sobre racismo estrutural, desigualdade social e políticas afirmativas no Brasil atual.⁹

Propostas de atividades

PROPOSTA DE ATIVIDADE I

Gênero: memória literárias

1. Antes de iniciar a leitura do livro *Polu*, converse com os alunos sobre as particularidades do gênero literário. Solicite aos estudantes que pesquisem sobre o gênero, suas características e peculiaridades, considerando as seguintes questões:

- O que é uma história de memória literária?
- O que são memórias?
- Quem geralmente é retratado nesse tipo de texto?
- Os fatos reais podem se misturar com a fantasia no texto? Isso interfere na veracidade da história?

2. Após finalizar a pesquisa, convide a turma para compartilhar as observações. É importante que eles reconheçam que essas memórias literárias contêm relatos que recriam a trajetória de uma pessoa real; sendo uma narrativa em primeira ou terceira pessoa, na qual a autora conta as lembranças da própria vida ou de outra pessoa. Esse gênero textual narra acontecimentos marcantes da trajetória individual, desde a infância até a fase adulta, incluindo desafios enfrentados, conquistas, relações familiares, experiências significativas e o impacto de tudo isso na formação de sua identidade.

Leitura

Incentivar a leitura significa atuar como um intermediário entre o leitor e o texto, independentemente de seu tipo ou gênero. A leitura acontece pela interação entre quem lê e o que está escrito, e essa troca se torna mais rica à medida que a pessoa ganha mais autonomia. Por isso, não se trata apenas de “passar os olhos”, mas de realmente vivenciar a leitura, pois é uma experiência na qual o leitor dá significado ao texto, levando em conta seu contexto e as próprias percepções.

Com isso em mente, sugerimos atividades que envolvem análise, produção, edição e apresentação de histórias que refletem o cotidiano dos estudantes.

1. Depois desse primeiro momento de conhecimento e apropriação da obra literária, pergunte à turma quem conhece ou já ouviu um podcast. Estimule a troca de informações sobre essa temática entre os alunos.
2. Em caso negativo, explique que podcast é um formato semelhante ao rádio, no qual se discutem temas variados a partir de diferentes pontos de vista.
3. Organize a turma em pequenos grupos, atribuindo a cada um a leitura de um número determinado de páginas do livro, conforme sua orientação. Dessa forma, toda a obra será contemplada.
4. Solicite que cada grupo identifique o tema central abordado no trecho lido, por exemplo: migração; trabalho; racismo e resistência; relações familiares e afetivas.

9. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Médio, Linguagens e suas Tecnologias (EM13LGG502): Analisar criticamente preconceitos, estereótipos e relações de poder presentes nas práticas corporais, adotando posicionamento contrário a qualquer manifestação de injustiça e desrespeito a direitos humanos e valores democráticos.

5. Oriente a turma para preparar uma apresentação aos colegas no formato de um podcast. Para isso, cada grupo deverá elaborar um roteiro, definindo os principais pontos a serem debatidos, a dinâmica da fala entre os participantes e possíveis perguntas ou provocações para tornar a apresentação ainda mais interessante.
6. Caso o grupo deseje, poderá confeccionar cartazes ou trazer ilustrações que representem a sua argumentação. Se possível, recomendamos que as apresentações dos grupos sejam filmadas.
7. Para finalizar a atividade, depois das apresentações, promova uma conversa com a turma sobre quais temáticas mais chamaram a atenção. Em seguida, solicite que cada aluno registre em seu caderno uma reflexão sobre os temas abordados.

PROPOSTA DE ATIVIDADE II

Saberes que mantêm a vida

1. Converse com os estudantes sobre os saberes e tradições que eles conhecem ou praticam e que foram transmitidos de geração em geração. Incentive-os a compartilhar histórias, práticas ou costumes familiares.¹⁰ Pergunte para a turma: quais saberes ou práticas tradicionais vocês conhecem ou já ouviram falar?
2. Para incentivar ainda mais a troca, leia o seguinte trecho do livro:

Era costume no Mato plantar uma fruta com o nome da criança. Conforme crescia a pessoa, crescia o pé de pau. Depois, dava pra trocar as frutas por roupinha e outra bobagem que precisasse. E a criança aprendia a podar, aguar, conversar. Pegava amor na terra (p. 31).

Para a autora, essas práticas, que incluem cuidados cotidianos e conhecimentos transmitidos por gerações, garantem a sobrevivência de comunidades sistematicamente negligenciadas pelo Estado.

Conte à turma que Bianca Santana ainda celebra a memória de sua avó materna, Apolinária, ou Polu, e se emociona ao evocar a oração feita antes das refeições, que reflete esse senso de coletividade: “Esse bocado que nós comemos/ foi dado pela mão de Deus/ Nos daí todo dia e toda hora/ o pão de cada dia/ a nós e a quem em nossa porta chegar”.¹¹

Produção textual

1. Com base na discussão realizada, cada aluno deverá escrever um texto relatando seu “conhecimento ancestral”, contando com quem aprendeu, para que serve e como é praticado. Estimule-os a descrever com o máximo de detalhes esse momento, incluindo informações, sentimentos e curiosidades vivenciadas.
2. Para finalizar, organize um mural com todas as produções dos estudantes, que valorizam e reconhecem os saberes ancestrais e tradicionais como formas importantes de resistência, construção da identidade cultural e sobrevivência das comunidades.¹²

10. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Médio, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM13CHS104): Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

11. Ibid., pp. 20-1.

12. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Médio, Língua Portuguesa (EM13LP21): Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/ problemas/ questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

PROPOSTA DE ATIVIDADE III

Letramento racial

Nos tempos em que estamos vivendo, não basta não sermos racistas. Temos que ser antirracistas. Dessa forma, a educação é uma ferramenta aliada nessa luta. É preciso estimular a prática de ações antirracistas ao lado de um letramento racial. Nesse sentido, propomos uma atividade para refletir sobre algumas questões cotidianas.

1. Inicie a aula lendo o seguinte trecho do livro: “Quer ir pra cadeia, desgraçado? Tu quer ser bandido e apanhar de polícia?” (p. 77). Pergunte aos alunos que sentimentos e sensações essa frase provoca neles.
2. Solicite que anotem suas reflexões e até mesmo histórias reais que viveram ou presenciaram. Convide-os a partilhar seus registros.
3. Em seguida, pergunte se já ouviram falar na expressão “letramento racial”. Em caso negativo, explique que é um processo de aprendizado que busca ajudar as pessoas a entenderem melhor as questões relacionadas à raça e etnia. O objetivo é desconstruir preconceitos e lutar contra as desigualdades raciais.¹³
4. Liste com a turma situações em que o preconceito racial aparece no cotidiano deles, por exemplo: na escola, na mídia, no trabalho, entre outros. Incentive-os a pensar em exemplos reais. Mostre como o racismo está entranhado no nosso dia a dia.
5. Organize os estudantes em grupos para confeccionar cartazes que denunciem o racismo presente no cotidiano. Oriente-os a usar frases de impacto, dados reais ou ilustrações que provoquem reflexão e promovam o combate ao racismo estrutural em suas produções.
6. Crie um mural em um espaço de circulação da escola para expor os cartazes produzidos pelos alunos. Dessa forma, toda a comunidade escolar poderá conhecer, refletir e se engajar no enfrentamento ao racismo.¹⁴

Propostas de projetos

PROPOSTA DE PROJETO I

Cine-debate

Vivemos em uma sociedade marcada por profundas desigualdades históricas, onde o racismo ainda se faz presente de forma estrutural e cotidiana. Diante desse cenário, não é suficiente apenas evitar atitudes racistas, é essencial adotar uma postura ativa, crítica e comprometida com o antirracismo. A escola, como espaço de formação cidadã, tem um papel fundamental nesse processo, sendo a educação um instrumento poderoso para promover o letramento racial e desconstruir preconceitos.

13. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Médio, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (EM13CHS502): Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

14. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Médio, Língua Portuguesa (EM13LP46): Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

Para fortalecer os vínculos com o território e promover momentos de escuta, diálogo e interação com a comunidade, propomos a realização de projetos que possam ser desenvolvidos tanto no ambiente escolar quanto em outros espaços da comunidade.

1. Se possível, organize a exibição do filme *Que horas ela volta?* (2015), de Anna Muylaert (Disponível em: <<https://tinyurl.com/2jzjhasa>>).
2. Após a exibição, promova um debate e uma reflexão sobre as questões sociais e raciais presentes no filme, relacionando-as com a realidade brasileira. Incentive espectadores a refletir sobre temas como desigualdade de classe, racismo estrutural e acesso à educação. Sugerimos algumas indagações que podem auxiliar na problematização:
 - Como a cor da pele influencia as oportunidades de vida no Brasil?
 - Na sua escola, quantas professoras negras/professores negros existem?
 - No seu bairro existem políticas de inclusão racial?
 - Quantas autoras negras/autores negros você leu este ano?
3. Finalize a conversa destacando como o racismo está presente de forma sutil ou explícita em nosso cotidiano, ressalte a importância de estarmos sempre atentos para reconhecê-lo, questioná-lo e combatê-lo em todas as suas formas.

PROPOSTA DE PROJETO II

Mostra Cultural

1. Reconhecendo a importância da relação entre escola e comunidade e valorizando os trabalhos realizados a partir da leitura da obra *Polu*, sugerimos que o educador/mediador organize uma exposição.¹⁵ Essa Mostra Cultural pode ser realizada no espaço escolar ou em um local da comunidade que tenha significado para os moradores, fortalecendo os laços entre os saberes escolares e as vivências do território.
2. O objetivo é compartilhar com a comunidade as produções desenvolvidas pelos estudantes. Com isso, o território poderá conhecer e valorizar as vozes, reflexões e expressões dos próprios moradores.
3. Aproveite a ocasião para promover momentos de diálogo em que moradores e estudantes possam compartilhar suas experiências/memórias de vida. Esses encontros contribuem para ampliar o debate sobre o letramento racial e evidenciar como o racismo está profundamente enraizado em nossa cultura. Ao dar voz às vivências individuais, a escola fortalece seu papel como espaço de escuta, reflexão e transformação social.

15. Base Nacional Comum Curricular, Ensino Médio, Língua Portuguesa (EM13LP47): Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentes, *slams* etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, playlists comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.

Materiais complementares

TELEVISÃO

Justiça 2 (Brasil, Globoplay, 2024)

A trama acompanha a vida de quatro personagens: Balthazar, Jayme, Geíza e Milena que, após sete anos de prisão, buscam retomar suas vidas e enfrentar as consequências de seus passados, explorando diferentes perspectivas sobre o que é justiça.

DIAS, Manuela (Criação e roteiro); FERNANDEZ, Gustavo (Direção artística); PEREGRINO, Pedro; FRANÇA, Ricardo; BETTI, Mariana (Direção). *Justiça 2*. Produção: Estúdios Globo. Brasil: Globoplay, 2024. Série de televisão (28 episódios).

CINEMA BRASILEIRO

Todos os mortos (Brasil, Globoplay, 2020)

Este drama histórico, ambientado em São Paulo em 1899, aborda as consequências da abolição da escravidão no Brasil, explorando as tensões entre antigas famílias proprietárias de terra e pessoas negras recém-libertas.

DUTRA, Marco; GOTARDO, Caetano (Direção). *Todos os mortos*. Produção: Dezenove Som e Imagens; Good Fortune Films. Brasil: Vitrine Filmes, 2020.

Medida provisória (Brasil, Globoplay, 2022)

O filme aborda temas como racismo estrutural e políticas de reparação racial em um Brasil distópico. A trama gira em torno de uma medida governamental que propõe o retorno compulsório de cidadãos negros à África, levantando questões sobre identidade, pertencimento e resistência.

RAMOS, Lázaro (Direção). *Medida provisória*. Produção: Lereby Produções, Lata Filmes, Globo Filmes, Melanina Acentuada. Brasil: Globo Filmes, 2022.

LIVROS

Solitária, de Eliana Alves Cruz

O livro narra a história de Eunice e Mabel, mãe e filha negras que vivem em um condomínio de luxo, onde Eunice trabalha como empregada doméstica. A trama se desenrola a partir de um crime ocorrido na casa dos patrões, do qual Eunice é testemunha-chave. Mabel, determinada a não seguir os passos da mãe, busca uma vida diferente por meio da educação, enfrentando desafios como a gravidez na adolescência e o racismo estrutural. A narrativa aborda temas como trabalho doméstico, desigualdade social e as heranças da escravidão, destacando a luta por autonomia e dignidade das protagonistas.

CRUZ, Eliana Alves. *Solitária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Quem tem medo do feminismo negro?, de Djamila Ribeiro

Publicado inicialmente como ensaio autobiográfico na *Carta Capital*, a obra aborda de forma específica o feminismo negro, uma vez que o feminismo universal não contempla todas as possibilidades de ser mulher. Temas como racismo reverso, empoderamento feminino e o racismo também como uma problemática branca são abordados no livro.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Quando me descobri negra, de Bianca Santana

Mesclando trechos autobiográficos à história recente do país e pinceladas de ficção, a autora narra sua passagem por um processo complexo de letramento racial, aceitação do próprio corpo e reconhecimento familiar. Tudo isso, enquanto se desvencilha do racismo brasileiro presente no bairro de classe média, na cliente branca do restaurante que acha que negros são serviçais, na ação violenta da polícia, no bullying sofrido na escola e na desigualdade salarial no trabalho.

| SANTANA, Bianca. *Quando me descobri negra*. São Paulo: Fósforo, 2023.

Vozes insurgentes de mulheres negras, de Bianca Santana (Org.)

A proposta deste livro é facilitar o acesso à escrita e à fala de mulheres negras, em uma espécie de genealogia do pensamento de mulheres negras e de um feminismo negro brasileiro. Publicar, ler e estudar essa produção intelectual conforme novas epistemologias, além de reconhecer mulheres negras, individual e coletivamente, como produtoras de conhecimento. Retomar estes textos históricos evidencia também a possibilidade de compreender características próprias da diáspora africana.

| SANTANA, Bianca (Org.). *Vozes insurgentes de mulheres negras: do século XVIII à primeira década do século XXI*. Belo Horizonte/São Paulo: Mazza Edições/Fundação Rosa Luxemburgo, 2019.

MÚSICAS

“A carne”, Elza Soares

A música denuncia as injustiças sociais e a brutalidade do racismo estrutural, explorando as dores e os conflitos internos daqueles que vivem à margem da sociedade. A letra também faz referência à história do Brasil, marcada pela escravidão e pela constante luta de sobrevivência das mulheres negras, sendo uma poderosa crítica à forma como suas vidas e corpos sempre foram tratados como mercadorias.

“Olhos coloridos”, Sandra de Sá

A letra de “Olhos coloridos” aborda a busca por reconhecimento e valorização da cultura negra, questionando os padrões de beleza impostos pela sociedade e celebrando a individualidade. A música também faz referência à busca por um lugar de pertencimento e à construção de uma autoestima que não dependa da aprovação externa.

“Voz ativa”, Racionais MC’s

A música é uma poderosa reflexão sobre a realidade vivida pelas periferias e os desafios enfrentados pela população negra e marginalizada no Brasil. Aborda temas como a violência policial, a falta de oportunidades e a luta por justiça em um contexto social desigual.

PODCASTS

O Assunto: “Racismo no Brasil — e educação antirracista”

Pesquisa inédita mostra que oito em cada dez brasileiros concordam que o Brasil é um país racista. Os demais dados divulgados pela “Percepções sobre o racismo no Brasil” são igualmente fortes. Enquanto isso, o combate ao racismo nas escolas chega ao seu menor índice dos últimos dez anos.

| NERY, Natuza. “Racismo no Brasil — e educação antirracista”. *O Assunto*. G1. Disponível em: <<https://www.open.spotify.com/episode/3WvqqFfXDJU5EHkn6xUpO2?si=mUBlpoHgRHysBzt1XQLU1A>>. Acesso em: 20 maio 2025.

OFICINAS

Escrita de si e autobiografia, com Bianca Santana

Nesta oficina, uma ação do programa PRALER — Prazeres da Leitura, do SisEB, Bianca Santana compartilha teorias e propostas práticas sobre a utilização da memória para a produção de textos narrativos de si.

| Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q959Xb9bV8w>>.

AÇÕES AFIRMATIVAS

A Marcha das Mulheres Negras de 2015

A primeira edição do evento ocorreu em Brasília, no dia 18 de novembro, e reuniu mais de 50 mil mulheres negras, quilombolas, indígenas e yalorixás. O objetivo principal da marcha foi denunciar o racismo, a violência e defender o “bem viver”. A marcha também visava reafirmar a importância da contribuição das mulheres negras para a sociedade brasileira e exigir a garantia dos seus direitos.

Deputadas recriam foto histórica da “bancada do batom”, feita na promulgação da Constituição de 88

A “bancada do batom” foi a aliança suprapartidária entre senadoras e deputadas constituintes para garantir e ampliar os direitos das mulheres. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/1004029-deputadas-recriam-foto-historica-da-bancada-do-batom-feita-na-promulgacao-da-constituicao-de-88/>>. Acesso em: 20 maio 2025.

Bibliografia comentada

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. 13. reimpr. São Paulo: Contexto, 2022.

A obra tem como objetivo rever, fortalecer e ampliar o estímulo à leitura apresentando relatos exitosos que mostram que é possível fazer do letramento literário uma prática significativa no contexto escolar.

FANINI, Angela Maria Rubel. “Quando me descobri negra: obra inaugural de literatura de Bianca Santana”. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 15, n. 45, 2022. Disponível em: <<https://www.periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/13927/8957>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

O artigo analisa *Quando me descobri negra*, de Bianca Santana. Nessa obra de estreia na literatura, Santana traz as vozes dos outros e de si mesma, tratando das mais variadas situações racistas cotidianas em nosso país, com destaque para o poder de resistência de personagens negros e negras em uma sociedade inóspita, na qual ainda perdura a cultura escravocrata.

LEMOV, Doug. *Aula nota 10 3.0: 63 técnicas para melhorar a gestão da sala de aula*. Porto Alegre: Penso, 2023.

O autor propõe técnicas práticas para que educadores possam melhorar o ensino e a aprendizagem por meio de aulas mais efetivas e inspiradoras, transformando os estudantes em protagonistas do processo de construção do conhecimento.

MARCUSCHI, Beth. “A escrita do gênero memórias literárias no espaço escolar: desafios e possibilidades”. *Cadernos Cenpec*, v. 2, n. 1, 2012.

O estudo assume uma concepção sociodiscursiva de linguagem e desenvolve reflexões sobre os desafios e as possibilidades referentes ao processo de escrita de memórias literárias na prática pedagógica.

MUYLAERT, Anna (Direção). *Que horas ela volta?* Produção: Africa Filmes. Brasil: África Filmes, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pD-8ZeEFC_Y>. Acesso em: 29 abr. 2025.

O filme acompanha a história de Val, uma empregada doméstica que trabalha há anos na casa de uma família rica em São Paulo. Quando sua filha Jéssica vem do Nordeste para prestar vestibular, ela desafia as regras silenciosas da casa ao recusar-se a aceitar a posição submissa da mãe. A presença de Jéssica expõe as tensões de classe e evidencia o racismo estrutural presente nas relações sociais no Brasil. O filme propõe uma reflexão profunda sobre desigualdade, pertencimento e dignidade.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base*. 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2025.

Documento de caráter normativo, aplicado exclusivamente à educação escolar, que define o conjunto orgânico e progressivo de competências, habilidades e aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, neste caso, em especial, aos estudantes do Ensino Médio.

PAULINO, Graça. “Formação de leitores: a questão dos cânones literários”. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 17, n. 1, pp. 47-62, 2004. Disponível em: <<https://tinyurl.com/bdepvsfd>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

Nesta publicação, Graça Paulino discute a lacuna entre cânones literários e cânones escolares da literatura juvenil, bem como discute o letramento escolar.